

**“O SABER ESTÁ DO LADO DELES; O NÃO-SABER, DO NOSSO”**  
**“THE KNOW IS THE SIDE OF THEM, THE NO-KNOW, OUR”**  
**“ELLOS SABEN, NOSOTROS NO”**

Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo<sup>1</sup>, Cleide Pereira Monteiro<sup>2</sup>

**Resumo**

Esse trabalho traz a reflexão sobre a prática com um grupo focal, denominado por seus membros de Grupo de Discussão, sendo esse realizado no período de um ano, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), na cidade de Itaporanga-PB. Tendo como perspectiva teórica os fundamentos da psicanálise aplicada à prática entre vários, objetivou-se refletir sobre as atividades em grupo realizadas na referida instituição. O Grupo de Discussão fez uso de vários recursos metodológicos: cartazes, massa de modelar, figuras, desenhos, folhas de papel em branco, lápis de cor, cola e tesoura, aparelho de DVD, filmes e fotografias. Repensando a prática realizada, considera-se que as regras do Grupo foram repensadas, os horários foram flexibilizados, os temas discutidos passaram a ser levantados pelos usuários, através de sugestões dadas de modo verbal (fala oral), e através da arte (arte-terapia), tendo como consequência a construção do Grupo de Filmagem e do Grupo de Fotografia.

Descritores: Grupo Focal. Psicanálise. Serviço de Saúde Mental.

**Abstract**

This paper presents a reflection on the practice with a focus group, denominated by yours members of Group Discussion, being that accomplished in the period of one year, in a Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), in the city of Itaporanga-PB. Tends as theoretical perspective the

---

<sup>1</sup> Licenciatura e Formação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (2008), mestrado em vias de conclusão em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, com enfoque nos estudos em saúde mental e reforma psiquiátrica. Faz parte da linha de pesquisa Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas e do grupo de pesquisa GEPCOL. Endereço: Rua Frei Caneca número 275, apto: 401, centro, CEP 58400-295 - Campina Grande, PB – Brasil. Telefone: (83) 98197156, e-mail: [alessandra\\_aniceto@yahoo.com.br](mailto:alessandra_aniceto@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (1989), mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2005), doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, área de concentração em linguagens e cultura. É professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Endereço: Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Rua Aprígio Veloso, Bodocongó, CEP: 58109-970 - Campina Grande, PB – Brasil. Telefone: (83) 93133208, e-mail: [cleidepmonteiro@hotmail.com](mailto:cleidepmonteiro@hotmail.com).

foundations of the applied psychoanalysis to the practice among several, it was aimed at to contemplate about the activities in group accomplished in the referred institution. The Group of Discussion made use of several methodological resources: posters, mass of modeling, illustrations, drawings, paper leaves in white, colored pencil, glues and scissors, apparel of DVD, films and pictures. Rethinking the accomplished practice, he/she is considered that the rules of the Group were rethought, the schedules were flexibilizados, the discussed themes became lifted up for the users, through given suggestions in a verbal way (he/she speaks oral), and through the art (art-therapy), tends as consequence the construction of the Group of Filming and of the Group of Picture.

Key words: Focus Group. Psychoanalysis. Mental Health Service.

### **Resumen**

Este trabajo es una reflexión sobre la práctica con un Grupo Focal, denominado por sus integrantes como “Grupo de Discusión”; que fue realizado durante el período de un año, en un Centro de Atención Psicosocial (CAPS I) en la ciudad de Itaporanga-PB. Teniendo como perspectiva teórica los fundamentos del psicoanálisis aplicado en la práctica con grupos, buscamos reflexionar sobre las actividades realizadas con el grupo referido. Usamos en estas actividades los siguientes recursos metodológicos: carteles, plastilina, imágenes, dibujos, hojas de papel en blanco, lápices de colores, pegamento y tijeras, reproductor de DVD, películas y fotos. Repensando la práctica realizada, consideramos que las normas del grupo fueron reevaluadas, el tiempo fue flexibilizado, los temas eran puestos en manifiesto por los mismos usuarios, a través de sugerencias dadas verbalmente (discurso oral), y/o a través del arte (arte-terapia), dando como resultado la construcción de un Grupo de Filmación y otro Grupo de Fotografía.

Descriptores: Grupo Focal. Psicoanálisis. Servicio de Salud Mental.

## Introdução

Esse escrito se propõe a refletir sobre a realização de atividades em grupo, desenvolvidas com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), na cidade de Itaporanga-PB, tendo como perspectiva teórica os fundamentos da psicanálise aplicada à prática entre vários. O Grupo de Discussão, como era denominado pelos seus membros, foi um espaço construído para realização de diálogos sobre temáticas, as quais, inicialmente, eram levantadas pelas coordenadoras\* dos encontros e que, em seguida, passaram a ser levantadas pelos usuários.

É importante destacar que o Grupo de Discussão construído se assemelha a definição dada por Zimerman<sup>(1)</sup> sobre grupos terapêuticos, se caracterizando como momentos em que se busca a escuta de seus membros e o diálogo entre esses sobre assuntos do cotidiano, objetivando interação e ajuda mútua. Todavia, não havia o uso de abordagem psicoterápica específica que o caracterizasse enquanto grupo de psicoterapia.

No período de um ano, foram discutidos temas, como sonhos, medos – entre eles o de voltar ao hospital psiquiátrico –, desejos, projetos para o futuro, práticas realizadas no CAPS I – revisão da prática desenvolvida no CAPS, sugestões aos profissionais que trabalha(va)m na instituição. Durante esse período, também, foram refletidas várias formas de elaboração do Grupo (onde realizá-lo, como realizá-lo, como coordená-lo, como fazer ocorrer o diálogo entre seus membros), formas essas que foram repensadas e dialogadas com os usuários que o compunham.

Repensando tal atividade em foco, a partir das contribuições da psicanálise, foi possível elencar alguns pontos para reflexão da prática construída, pontos esses elencados em um momento a posteriori do desenvolvimento da prática e que serão apresentados a seguir.

## Procedimentos metodológicos

---

\* Os grupos eram coordenados pela psicóloga Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e pela fisioterapeuta Jadcely Maria Viturino Serafim Porcino.

Os encontros foram realizados semanalmente nas terças-feiras, durante o período de um ano, tendo a duração de aproximadamente 45 minutos; sendo compostos, em média, por vinte usuários de atendimento intensivo. De acordo com a Portaria MS nº 336-02<sup>(2)</sup>, define-se atendimento intensivo como aquele destinado aos pacientes que, em função de seu quadro clínico atual, necessitem de acompanhamento diário. Além disso, se destaca que os usuários de atendimento intensivo são considerados casos graves e, em sua maioria, apresentam transtornos característicos da psicose.

O lugar em que os membros do Grupo se encontravam, inicialmente, era uma sala fechada (um dos cômodos do CAPS I), na qual as vinte e duas pessoas permaneciam sentadas em cadeiras, próximas umas das outras, formando um círculo. Sua efetivação se constituía através de normas, que eram referidas pelas coordenadoras aos seus integrantes, antes da discussão ser realizada: apresentava-se em quanto tempo o Grupo seria realizado e qual temática seria discutida; destacava-se que as pessoas falariam uma de cada vez; pontuava-se que os quinze minutos finais do encontro seria reservado para o encerramento, sendo esse o resumo feito pelas coordenadoras das falas de seus membros.

Nos primeiros encontros, os recursos metodológicos utilizados eram: massa de modelar, figuras, desenhos, folhas de papel em branco, lápis de cor, cola e tesoura. Em seguida, recursos digitais passaram a ser usados para elaboração das temáticas a serem discutidas. Ao final dos encontros, era realizado o registro da atividade em um livro texto para relatos de atividades grupais desenvolvidas na instituição. Para realização da análise do material escrito, durante o período de um ano, foi utilizado como recurso o saber psicanalítico de orientação lacanianiana.

### **Saber não saber**

*Ali estamos não para produzir, em vez deles, o significante que lhes ajudará a regravar seu mundo subjetivo, mas para dizer sim ao valor de seu achado. O saber está do lado deles; o não-saber, do nosso<sup>(3)</sup>.*

Seguindo os princípios da orientação lacanianiana, no que diz respeito à prática da psicanálise aplicada, destacamos o “saber não saber”, como Stevens<sup>(3)</sup> reflete, para relatar o repensar das profissionais que coordenavam o Grupo de Discussão. Esse repensar trouxe consigo a possibilidade

de rever o outro enquanto sujeito de ação inovadora, de produção de conhecimento, de elaboração de si. Essa trajetória de rever o outro enquanto sujeito, construtor de saberes e de fazeres, que possui possibilidades para o além doença – o ser paciente –, se fez de modo conflituoso e angustiante para as coordenadoras e será descrito de modo sucinto a seguir.

A proposta das coordenadoras era montar um lugar específico para fala dos usuários, no qual os mesmos pudessem discorrer sobre temas e questões que circulavam na mídia (eletrônica, falada, escrita), na cidade de Itaporanga-PB, no cotidiano desses, um lugar onde os usuários pudessem ser ouvidos, sem a pretensão de se realizar um grupo de psicoterapia. Inicialmente, as coordenadoras trouxeram uma sugestão de tema para ser discutida: se falaria sobre Sonhos.

Falava-se sobre os sonhos tidos e os medos atribuídos a esses sonhos, como por exemplo, o medo de voltar ao hospital psiquiátrico, referido por um dos usuários. Sonhos e realidades, lembranças e perspectivas de futuro passaram a se misturar e se imbricar: o discurso, o qual, aparentemente, era único, tornava-se variante, diverso, múltiplo. Todavia, como consequência do modo de intervir, houve a constituição de saberes que seguiam a lógica do universal, ou seja, se falava de saberes sem contradições, sem variações, de “saberes uno”, inquestionáveis, de um todo indivisível que não visibilizava a multiplicidade, as singularidades<sup>(4)</sup>.

Foi imposto, nesse sentido, o discurso do mestre, com seu bem e seu mal, o qual tem uma tendência a naturalizar o saber do profissional como único e soberano e desqualificar o saber do outro, as elaborações cotidianas, as construções da vida. Este trabalho, articulado na instituição, operou em práticas que submetiam o sujeito a uma posição de objeto frente ao Outro<sup>(5-6)</sup>.

Após esse primeiro momento, as coordenadoras passaram a observar alguns pontos, que se tornaram relevantes para a modificação da prática no e com o Grupo: os saberes circulavam e não havia como permanecer em uma única temática, pois as falas não eram totalizantes, não podiam ser resumidas a um único saber, ou a uma hierarquia de saberes específica: os saberes dos técnicos de nível superior; a inscrição do sujeito no tempo-espço (ordem universal/lógica fálica) não abria “espaço” para construção criativa da fala, feita na singularidade; os sujeitos, denominados na instituição como usuários, apresentavam um saber que necessitava ser ouvido, percebido, acolhido e não negligenciado.

Era preciso furar a instituição, colocá-la do lado do não-saber, uma vez que é importante que a prática entre vários seja construída pelo saber do sujeito do conflito, assim sendo os profissionais que trabalhavam com esse sujeito precisam ser desespecializantes<sup>(3)</sup>. Nesse sentido, desespecializar

é construir novos olhares para outros saberes, quebrando a hierarquizada do discurso científico ou do discurso do especialista enquanto único produtor de verdades, de conhecimentos.

A partir de então, o Grupo saiu do saber das coordenadoras para as indicações dadas pelos usuários; a condução do trabalho se fez a partir das indicações dadas pelos sujeitos; houve diluição do saber médico, do saber da instituição, do saber especializado para acolher o que vinha do outro, sendo esse outro os usuários que compunham o Grupo de Discussão. Logo, as regras foram repensadas, quando se passou a ouvir a singularidade e se permitiu circular a multiplicidade, a contradição, as ambiguidades. As regras que diziam respeito ao universal, foram singularizadas, pois se refletiu que era difícil trabalhar na psicose com a inserção de regras gerais, com o que é da ordem do universal, ou seja, da lógica fálica.

A postura das coordenadoras, de suposto não saber, se apresentou como uma posição favorável para encontrar um sujeito que sabe o que acontece com ele, que sabe dizer de si. Destarte, como refere Zenonni<sup>(7)</sup>, “a posição de suposto não saber deixa principalmente ao sujeito a iniciativa de saber”, cabendo ao sujeito falar sobre si e não ao outro dizer sobre ele, sendo esta construção característica do saber médico tradicional.

Desse modo, o Grupo mudou de ambiente, passou a ser trabalhado em um espaço aberto, escolhido por seus próprios membros, espaço esse onde os sujeitos eram acolhidos, no momento em que adentravam na instituição. Os horários foram flexibilizados (havia um dado período para o encontro ser iniciado e encerrado, todavia, caso os seus membros desejassem encerrá-lo mais cedo, ou estendê-lo um pouco mais, o mesmo era respeitado). Os temas passaram a ser levantados pelos usuários, através de sugestões dadas de modo verbal (fala oral), e, em seguida, através da arte (arteterapia), sendo confeccionados painéis (pelos usuários), a partir dos quais era realizada a discussão. Nessa perspectiva, partiu-se do saber do sujeito, o que ele podia trazer de sua singularidade, abrindo espaço, na instituição, para o sujeito da palavra<sup>(4)</sup>.

O uso dos painéis não fundamentou somente a delimitação do tema a ser dialogado no grupo, mas também provocou um efeito subjetivo, sendo observado: a construção de um objeto fora do corpo e a promoção de laço social, uma vez que “algo circulava entre eles”: frases, textos, tesoura, cola, caneta, revistas, massa de modelar, olhares, sons que os constituíam enquanto sujeitos sociais produtores de uma ação transformadora. Essa questão é fundamental na psicose, uma vez que o sujeito com estrutura de personalidade psicótica tem dificuldades para constituir laço com o outro, uma vez que, segundo a perspectiva psicanalítica, o sujeito psicótico está fora do discurso.

Quando a matéria prima do trabalho é o sujeito da palavra, o grupo opera como um lugar de circulação de fala, de modo a convocar todos os seus membros e cada um em sua responsabilidade no laço social, como afirma Figueiredo<sup>(8)</sup> e isso faz com que o sujeito que, supostamente está posto fora da linguagem, passa a existir no “mundo das palavras”, pois sua fala passou a ser ouvida e compartilhada.

É importante ressaltar que, durante a construção dos painéis, surgiram temáticas variadas, sendo os temas que mais se repetiam: beijo, sexo, o que o homem faz e o que a mulher não pode fazer, o que a mulher faz e o homem não pode fazer, o que o homem solteiro faz e o que o homem casado não pode fazer, numa tentativa de circunscrever a diferença entre homem/mulher, solteiro/casado. Uma das temáticas, que desencadeou vários questionamentos, foi sobre o que poderia melhorar no CAPS, sendo sugeridas as propostas:

1 - trabalhar o preconceito das pessoas, que residem na cidade, com relação à instituição e àqueles que a frequentam, sendo proposto pôr faixas em frente ao CAPS, nas quais deveriam conter frases que definissem o que é o CAPS e quais as práticas realizadas neste ambiente. Uma das frases referidas por um usuário foi: “*Aqui não tem ninguém doido!*”;

2 - realizar passeatas nas ruas da cidade, sendo a equipe de profissionais da instituição citada como organizadora do evento, e organizar palestras em rádio sobre a temática da saúde mental, da doença mental, bem como sobre o CAPS, essas palestras seriam proferidas pelos profissionais que fazem parte da instituição;

3 - solicitar um transporte específico para instituição, em especial para realizar a busca de usuários que não têm condições financeiras de se locomoverem até o local.

Ao darem sugestões sobre o CAPS, os usuários falaram do espaço que ocupavam questionando-o, dessa forma, se pode refletir que eles se retiraram da posição de uso (“usuário”), ou de objeto, para posição de agente. Nesse sentido, analisando através da leitura psicanalítica, eles saíram da condição de ser objeto do outro, para ascender à posição de sujeito, uma vez que a condição objetal foi desconstruída pelos usuários, através da prática elaborada do diálogo. Nesse momento, a instituição favoreceu uma possibilidade de “*subjetivação*”, como refere Mendes<sup>(6)</sup>, o que permitiu aos usuários colocarem um limite na posição de objeto em que se colocavam frente ao Outro.

Outra questão a ser ressaltada é o saber lidar com o imprevisível. Para tanto, será narrado em primeira pessoa, de modo sucinto, um evento que exemplifica tal afirmativa. Em um dos dias em

que seria realizado o Grupo, os usuários pediram para irem visitar um amigo, que havia adoecido e não estava podendo ir ao CAPS, para participar das atividades da instituição. Desse modo, fomos à visita e encontramos o outro usuário que havia faltado. Chegando a casa dele, o vimos, sentamos e falamos sobre as novidades da instituição, em seguida, retornamos ao CAPS. Nesse dia, foi construído um Grupo de Discussão que discorria, inicialmente, sobre a visita realizada, sobre a saudade dos amigos, sobre as perdas de familiares, sobre os sofrimentos decorrentes dessas perdas e sobre como lidar com tais sofrimentos, inclusive alguns membros davam sugestões de como elaboraram as perdas vivenciadas, ou como outras pessoas “conhecidas” lidavam com tais perdas.

Quero chamar atenção para o fato de termos saído da instituição naquele que era tido como horário do Grupo, havendo a possibilidade do encontro não ser desenvolvido após a visita não planejada. Ao contrário, nos propomos a ouvir o chamado dos usuários e, a partir disso, foi construída uma fala que trabalhou a singularidade dessas pessoas, a heterogeneidade de suas falas e a pluralidade do grupo.

De modo geral, é necessário ressaltar que as situações, descritas acima, contam um pouco de toda uma construção feita pelo Grupo, seus membros proporcionaram uma (des)organização das regras iniciais, que foi possível a partir da escuta e da postura de saber não saber das coordenadoras, mas também ocorreu em decorrência dos usuários que se dispuseram a questionar e dar sugestões. Através do diálogo, possibilitado pela reflexão e pela abdicação do lugar de saber, do lugar do mestre, os sujeitos foram enxergados, seus saberes foram ouvidos, seus devires se deram.

Essa prática requereu que as coordenadoras estivessem atentas à invenção, estando prontas para ouvir a surpresa, já que, segundo Stevens<sup>(3)</sup>, “Não cabe a nós tornar a fiar uma invenção que poderia servir de identificação, mas cabe a nós estar atentos às invenções que eles produzem. Todavia, não basta apenas acolher a surpresa, a invenção. É preciso estar atento, e até mesmo suscitá-la, provocá-la, calculá-la”.

Ao acolher a surpresa, ou mesmo suscitá-la, provocá-la, fez emergir um Grupo, pois, antes disso, não havia grupo, existiam vozes soltas, sussurros que não eram entendidos, existiam silêncios que não eram acolhidos. A partir do acolhimento da invenção foi possível ouvir e compreender que lá existiam vozes, os sujeitos falavam. Desse modo, o Grupo serviu de endereço para a fala dessas pessoas, que falavam de si, de suas histórias, de suas experiências para um Outro, o qual, em um momento anterior, se constituía enquanto ameaçador.



Com o passar do tempo, o Grupo de Discussão tomou outro recurso metodológico para uso, mas manteve a proposta da escuta, do saber não saber das coordenadoras e do diálogo, passou-se a trabalhar com filmes, foi desenvolvido o Grupo de Filmagem. Nesse, havia indicações dos usuários sobre os filmes que desejavam assistir, sendo seguidos de discussões sobre o material visto. Todavia, tal proposta provocou dispersão de seus membros, pois alguns usuários não apresentavam interesse em assistir determinado filme. Logo, foi pensada outra proposta de trabalho, foram utilizadas fotos dos usuários como recursos para facilitar a circulação das falas. Nessa proposta, os usuários traziam fotografias suas, dos parentes, ou de amigos, para que as fotografias fossem observadas e comentadas nos encontros.

### **Considerações finais**

Refletindo-se, a posteriori, na perspectiva da psicanálise, foi analisado que a discussão do filme ocasionou dispersão, haja vista se constituir como uma proposta do “para todos”: havia algo do individual que era posto, mas não circulava pelos demais membros, desse modo, existia “a urgência do outro que circulava, não a minha”. Para o Grupo de Fotografia, analisou-se que foi possível trazer à tona a história individual, que podia circular no grupo, havendo outras histórias, as quais também circulavam, uma vez que existia a singularidade e a pluralidade de histórias coexistindo, o que singulariza o espaço do “para todos”, possibilitando a construção do diálogo.

Analisando a prática realizada, considera-se que a postura de suposto não saber se apresentou como uma posição favorável para encontrar um sujeito que sabe, o que possibilitou a construção de uma relação dialógica entre as profissionais e os usuários do CAPS I. Assim sendo, as regras do Grupo foram repensadas, os horários foram flexibilizados, os temas discutidos passaram a ser levantados pelos usuários, através de sugestões dadas de modo verbal (fala oral), e através da arte (arte-terapia), tendo como consequência a construção do Grupo de Filmagem e do Grupo de Fotografia.

### **Referências**

1. Zimerman DE. Psicoterapia de grupo. abordagens atuais. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.  
In: Cordioli AV, organizador. Psicoterapias:

2. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n.º 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS i e CAPS ad. Diário Oficial da União, Brasília, fev. 2002.
3. Stevens A. A instituição: prática do ato. In: Miller JA, Miller J. Pertinências da psicanálise aplicada. Coleção do Campo Freudiano. 1ª ed. Paris: Seuil; 2003. p. 76-86.
4. Ferreira CMR. Sessão Clínica: efeitos de intervenção institucional. Mental. 2005; 3(4): 29-43.
5. Ciaccia ADi. Da função por um à prática feita por muitos. Curinga. 1999; 1(13): 60-5.
6. Mendes AA. Tratamento na psicose: o laço social como alternativa ao ideal institucional. Mental. 2005; 3(4): 15-28.
7. Zenonni A. Qual instituição para o sujeito psicótico? Abre Campos – Revista de Saúde Mental do Instituto Raul Soares. 2000; 1(0): 12-31.
8. Figueiredo AC. Uma proposta da psicanálise para o trabalho em equipe na atenção psicossocial. Mental. 2005; 3(5): 43-55.

Sources of funding: No  
Conflict of interest: No  
Date of first submission: 2012-12-29  
Last received: 2013-10-31  
Accepted: 2013-12-18  
Publishing: 2013-12-20